

# Os adolescentes contemporâneos<sup>1</sup>

Florian Houssier<sup>2</sup>

Tradução: Vanise Dresch

Rei, aqui, propor uma conferência em três tempos, centrada na linguagem dos atos na adolescência; minha conferência será embasada por três exemplos clínicos, e terminarei abordando uma forma de atuação sustentada por uma fantasia específica, a fantasia mágica da autorrealização.

Para introduzir minha proposição, é necessário lembrar que a adolescência compõe um processo caracterizado por grande fragilidade psicológica; o tempo bifásico da sexualidade faz advir um recalque transformador, o da latência, fragilizado pela adolescência: o recalque se torna mais poroso, aumentando a fragilidade do Eu adolescente. A intensidade da carga pulsional púbere intervém antes mesmo que o adolescente possa ser seu ator e possa contê-la, particularmente em termos de remanejamento das instâncias do Eu. Soma-se a essa intensidade pulsional a revivescência de fantasias edípianas, revisitadas na puberdade: pela primeira vez, os desejos incestuosos e parricidas são realizáveis (HOUSSIER, 2013). O adolescente encontra certa familiaridade psíquica com os desejos recalcados durante o processo de latência, desejos tanto mais perturbadores por ainda não serem elaboráveis. Em sua temporalidade, o processo de adolescência representa o conjunto do trabalho de secundarização do aparelho psíquico, incluindo uma melhor capacidade de continência das mais cruas fantasias. A porosidade relativa do recalque indica que o funcionamento psíquico é perturbado pela adolescência: o funcionamento dos limites psíquicos (HOUSSIER, 2003), na articulação entre limites direcionados ao mundo interno (recalque, pré-consciente) e externos (paraexcitação, percepção/consciência), é posto em xeque, como demonstrado pela clínica da anorexia mental.

A anorexia mental é um paradigma psicopatológico antiprocessual: o sentimento de familiaridade consigo mesmo e com seu corpo será radicalmente abalado. Essa desfamiliarização permite melhor compreender a intensidade perturbadora dos conflitos adolescentes: o adolescente se torna, repentinamente, estranho para si mesmo e para seu entorno. Um duplo sentimento predomina, então, de incompreensão e de angústia, diante da perda de contato com o sentimento de familiaridade

<sup>1</sup> Conferência apresentada à Constructo Instituição Psicanalítica – Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Em 22 de maio de 2022

<sup>2</sup> Florian Houssier é psicólogo clínico, psicanalista. Presidente do *Collège International de L'Adolescence* (CILA), Professor de psicologia clínica e psicopatologia. Diretor da Unidade Transversal de Pesquisas: Psicogenia e Psicopatologia (UTRPP – UR 4403), Universidade Paris 13, Villetaneuse, Sorbonne Paris Nord (SPN).

proporcionado até então pelo corpo infantil. Sob o efeito de um colapso entre o atual e o recalçado, entre consciente e inconsciente, os limites entre imaginário e realidade tendem a borrar-se, fazendo com que o adolescente seja confrontado por uma experiência enigmática.

Articulando a anorexia com a questão da inquietante estranheza (FREUD, 1919), poderíamos propor a seguinte definição: na adolescência, o trabalho de subjetivação, de apropriação somatopsíquica consiste em tornar familiar aquilo que se tornou estranho, desconhecido. Esse processo de refamiliarização encontra a elaboração, através da familiarização, dos desejos incestuosos-parricidas. O conjunto desse processo sustenta a possibilidade de uma vida psíquica de conflitualidade suportável. A oposição ou polaridade estranho-familiar subjacente à vivência adolescente está em consonância com a proposição de Winnicott (1971/1975) no que concerne à capacidade de se sentir real; ela atinge o íntimo do ser, e se junta às preocupações identitárias próprias da trajetória do adolescente, em meio ao medo de ser invadido por fantasias desorganizadoras. Em vez de conceber uma separação-indivuação (BLOS, 1967), defendemos, com Winnicott e R. Cahn, um trabalho de diferenciação e personalização subjetivante na adolescência (HOUSIER, 2020).

Em sua inquietante estranheza, como em suas vulnerabilidades psicopatológicas, a exploração da adolescência questiona as potencialidades psicóticas, revelando a profundidade das mudanças psíquicas a serem perlaboradas.

## Passagem ao ato pelo corpo na anorexia

A. Freud (1958) escreve que a adolescência mobiliza defesas primitivas ante a angústia sentida perante a potência das pulsões. Esse conflito articula perturbadora aproximação com a proposição de A. Green:

A adolescência compreende, em estado normal, um fator que nomearei, por falta de um termo mais apropriado, quase psicótico ou *psychotic like*, que pode ou resultar em uma atualização de uma potencialidade psicótica ou dissolver-se progressivamente na estrutura definitiva (adulta) do sujeito (GREEN, 1990, p. 231).

Se considerarmos que a potencialidade psicótica da adolescência designa certo estado de confusão entre o desejo, seu objeto e o Eu, o transtorno dos limites que ela abrange representa o perigo extremo que ameaça o Eu adolescente: perder aquilo que lhe permitiu construir-se, e perceber-se como um conjunto que não é suficientemente coerente para assegurar seu sentimento de identidade e a continuidade de seu Eu.

No plano psicopatológico, ao passo que a despersonalização concerne ao adolescente perturbado, mas capaz de regressão, aqui, a impersonalização evidencia o distanciamento do outro em si

(HOUSIER, 2011), o estranho interno que invade o sujeito que se despersonaliza. O corpo se tornou o inimigo íntimo a ser combatido. A situação de Julie, adolescente que sofre de anorexia mental, ilustra os aspectos subjacentes aos conflitos intrinsecamente adolescentes. Essa problemática é representativa dos impasses subjetivos do processo, incorporados por uma série de passagens ao ato pelo corpo, a puberdade e seus efeitos revelando-se inaceitáveis. Julie corre sem parar, até a exaustão, entre seu quarto e a cozinha, subindo e descendo as escadas que ligam os cômodos. Ela saltita sem parar e sem sair do lugar, corre com seu cachorro, faz natação. Sobrecarregada por uma excitação que precisa ser definitivamente evacuada por não poder ser elaborada, Julie esvazia seu corpo de toda carne libidinalizada até parecer-se, em suas palavras, com um “saco de ossos” (*sic.*).

O caso dessa adolescente ilustra, também, a manutenção de uma posição megalomaniaca com um fundo de recusa identificatória. Julie não deseja se parecer com ninguém, muito menos com os seus pais. Essa falta de introjeção advém de imagos parentais mal diferenciadas, confundidas com sua própria imagem, como numa espécie de contato pele a pele de caráter indefinido. A adolescente anoréxica pensa que, impondo ao corpo a lógica de suas fantasias, ela controla, concomitantemente, suas necessidades e fantasias numa tentativa de melhor sanar os conflitos (BIRRAUX, 1990).

“Quando como muito, tenho a impressão de que minha barriga incha como um balão prestes a estourar”, diz Julie, como se seu corpo fosse elástico, deformável por uma refeição, objeto manipulável. É preciso se empanturrar para sobreviver, como se seu corpo fosse reter, sem evacuar, tudo aquilo que ela come e que, assim, poderia administrar a fome a partir desse preenchimento. Então, surge a angústia das refeições com seus pais, sobretudo com seu pai; quando ela não come, imagina privá-los, também, de alimento: confundem-se seu corpo e os de seus pais, um único e mesmo saco.

Essa fantasia de corpo-comum é acompanhada por representações incestuosas calcadas na alimentação: quando seu irmão vem visitar os pais, ela deve emagrecer antes e depois para poder aproveitar sua presença sem estar sobrecarregada pela angústia. O receio de uma refeição orgiástica, na qual os limites se dissolvem, é tão grande que ela verifica o peso de cada um dos alimentos que consome. O perigo de compartilhar uma refeição com seu pai remete ao medo de que ele a contamine, pois comendo os mesmos alimentos, ela poderia ter a mesma barriga volumosa que ele. Assim, ela deve ficar de pé antes da refeição, de modo a estar exausta e ter o direito de comer depois. Ela está, também, descontente com o fato de que seu pai come muito e prazerosamente, pois ela imagina que armazena, em sua própria barriga, o que ele come. Ele come, ela engorda: uma boca, uma barriga. Não há diferença entre sexos e gerações, mas sim um espaço corporal comum.

A adolescência é, assim, uma experiência identitária cujo resultado jamais é garantido, sentir-

se existir para e por si mesmo de maneira oposta à confusão dos espaços psíquicos, das identificações e das imagos.

## **Agir para lutar contra o colapso**

A passagem ao ato, neste caso, sobre o próprio corpo púbere, é um conceito de origem psiquiátrica de essência narcísica que advém de um ato de descarga pulsional. O outro é negado como sujeito e geralmente reduzido a um objeto parcial. A passagem ao ato se insere em um contexto de luta contra o colapso e de desarticulação da unidade do Eu.

No plano da psicopatologia dos atos, o termo psiquiátrico *passagem ao ato* surge no fim do século XIX, sendo corriqueiramente definido como um ato impulsivo, brutal, que desconsidera a violência feita contra o outro ou contra si mesmo. Mais do que uma definição da passagem ao ato específica da adolescência, relembremos a distinção estabelecida por Winnicott entre violência e tendência antissocial. A delinquência como forma de esperança implica um signo enviado à mãe no momento em que ela é vivenciada como objeto diferenciado. Esse signo com valor de sinal pode ser interpretado pela mãe como um apelo. Quando esse apelo reiterado não é ouvido, a passagem ao ato pode assumir o controle. Ela remete antes a um objeto não diferenciado ou mal diferenciado, a uma depressão despersonalizante e melancoliforme no seio da qual o adolescente é dominado pelas suas tendências destrutivas. Para retomar a proposição de Winnicott, se as tentativas de comunicação pelos atos não são ouvidas, a decepção acentua o desespero e a despersonalização; a impersonalização dessubjetivante, fonte de violência, poderíamos acrescentar.

A realidade da violência através da passagem ao ato parece, então, inevitável para a manutenção da continuidade do self. Ela sinaliza a perda da capacidade de manutenção da esperança de um vínculo seguro diante da destrutividade, no que diz respeito à passagem de uma depressividade elaborável a uma melancolização do vínculo na adolescência, em detrimento da capacidade de solicitude (WINNICOTT, 1962). Nessa perspectiva, o aspecto maníaco das passagens ao ato reiteradas pode ser compreendido como uma forma transgressiva de luta contra uma depressão primária associada às deficiências precoces do vínculo com as figuras parentais. Essa hipótese sugere que, quando essa forma de comunicação pela utilização do ato fracassa, esta acaba não mais tendendo ao vínculo com o objeto, mas se tornando fonte de fúria narcísica sem limites. Esta eclode sobre o fundo de fantasia megalomaniaca, que oculta mal a intensidade do desamparo agonístico experienciado em um mundo interno repleto de objetos parciais arcaicos. A passagem ao ato remete ao desespero associado à falha do objeto primário, um encontro fracassado com o objeto enredado no narcisismo primário.

Na ausência de uma resposta suficientemente boa, a violência se torna a única reação possível

diante de um ambiente vivenciado como perseguidor interno em uma vertente paranoide.

Através da linguagem dos atos e mais especificamente do recurso ao ato (HOUSIER, 2008), ressaltamos que se trata, para o adolescente, de se perder para melhor se encontrar, de descobrir quem é e o que verdadeiramente sente, para sair desse tipo de experiência com uma melhor identificação e descoberta de si (HOUSIER, 2018). No recurso ao ato, o jogo com os limites (diferentes transgressões, condutas de risco, tentativas de suicídio, ataques ao corpo), ao mesmo tempo excitante e perigoso, serve de apoio para resgatar a parte viva de si mesmo, aquela que busca desesperadamente o objeto. Na passagem ao ato, trata-se mais de uma tentativa de figurar os elementos arcaicos dos traumatismos do que da possibilidade de poder jogar/representar os conflitos internos na perspectiva de um horizonte elaborativo potencial.

## Ataques ao corpo e recurso ao ato

O recurso ao ato adolescente representa um apelo ao ambiente e a seu representante central: o outro. Através das suas modalidades, ele abrange uma grande parte dos atos sintomáticos que resultam de uma forma de linguagem de ação dirigida a um objeto existente como sujeito separado do sujeito. Quando entendido como tal, o recurso ao ato é uma via de acesso para reelaborar o princípio de realidade e favorecer a dimensão de elaboração da depressividade na adolescência.

O apelo ao terceiro representado por determinados atos transgressivos, como um delito, não diz respeito somente à solicitação de uma figura paterna limitativa; ele se situa em uma busca por experiências que venham a conter a expansão do Eu. Winnicott (1967) demonstrou que o ato sintomático, sobretudo em caso de delito na adolescência, é uma forma de mensagem endereçada ao ambiente, tanto familiar quanto social.

Em sua definição, o recurso remete à ideia de recorrer, de buscar. Essa busca é feita através de uma atividade regressiva na adolescência, a motricidade, que vem substituir a capacidade de elaboração: o termo recurso deriva do latim *recursum*, retrocesso. O recurso ao ato tal qual propomos (HOUSIER, 2008) liga, portanto, o desejo e a defesa através do caráter sintomático de sua expressão. O ato constitui um meio de criar um evento interiorizável quando o tratamento psíquico do conflito fracassou. O recurso ao ato está associado, aqui, à agressividade, ou seja, à capacidade de dirigir-se a um terceiro reconhecido como tal e por completo, um objeto total.

O recurso ao ato, passando pelo ambiente, permitiria, então, uma reorganização psíquica que torna o encontro com o mundo interno mais suportável. O ato, secundariamente, permite a reapropriação dessas representações e sua elaboração, em um *après-coup* que confere tempo para mobilizar as defesas adequadas e torna menos traumático o encontro com o mundo interno.

Mais do que a capacidade de fantasiar, o que é substituído pelo ato é a possibilidade de dizer e de se lembrar (HOUSIER, 2022b). O recurso ao ato prefigura e prepara a neurotização dos conflitos, pois decorre de uma linguagem simbólica de ação. Ele representa o esforço mobilizado pela criança e pelo adolescente para interiorizar um evento simultaneamente fonte de sentidos e portador dos tropeços de sua história.

O ato teria, assim, uma função de autorrevelação no retorno a si que ele convoca: é a função dinâmica de todo ato. Nesse sentido, o recurso ao ato é um porta-voz do sujeito; mas, como o sonho, ele só adquire sentido se endereçado a um objeto ou uma instância. O ato serve de suporte representacional aos conflitos psíquicos que, por não poderem ser colocados em palavras, retornam à linguagem motora para encontrar uma saída.

No *après-coup* do ato, alguns adolescentes, de contato flutuante, distante, não se apresentam como sujeitos impulsivos caracterizados pela pobreza ou corrosão de sua atividade fantasmática como acontece em uma passagem ao ato. A tendência ao isolamento, o distanciamento de outrem, o silêncio e, ainda, a apassivação do corpo constituem diversos elementos que fazem parte de uma posição depressiva não elaborada, destinada a preservar o adolescente da angústia de perder o objeto.

## Julien e os atos na transferência

Recebemos Julien em psicoterapia em um centro médico-psicológico. No final de uma sessão marcada por fantasias violentas, ele menciona um amigo do qual se sente muito próximo e, depois, entra em colapso, muito comovido, dizendo: “Imaginei uma cena homossexual com esse amigo, é horrível, senti prazer ao imaginar isso...” (*sic.*). As ideias suicidas e as escarificações representam uma forma de fazer cessarem essas representações homossexuais. Contudo, ele esclarece: “Não é somente a ideia de ser bicha, é a de ser uma mulher. Uma mulher pode ser fodida” (*sic.*). À medida que a psicoterapia avança, ele pensa que há duas possibilidades quando está em rivalidade com um homem: matá-lo ou ser derrotado. Após ter novamente se escarificado ao cortar as veias, ele vai, no dia seguinte, com um amigo, a uma loja concorrente àquela onde seu pai trabalha para roubar revistas em quadrinhos, mangás. Depois de pego pelos guardas, seu pai vem buscá-lo e os dois têm uma discussão que ele considera “importante” (*sic.*), enquanto sua mãe descobre, na lixeira do quarto do filho, lenços ensanguentados.

Na hora de uma sessão, Julien telefona para avisar que não virá, pois foi pego sem o tíquete em um ônibus que o levava ao Centro Médico-Psicológico. A secretária que falou com ele no telefone me disse: “Ele não consegue se liberar” (*sic.*). Na sessão seguinte, eu o faço ouvir minhas impressões: nos últimos tempos, a relação com a lei retorna regularmente dentro e fora das sessões, com o consumo de *cannabis*, os roubos de revistas em quadrinhos e, depois, esse último

incidente. Ele aceita minha intervenção, mas, passadas algumas sessões, ausenta-se em duas ocasiões. Quando retorna, me diz que está melhor, pois não pensa mais muito. Quando falo de suas ausências, ele me responde: “Pensei em vir e assaltá-lo com arma apontada para sua cabeça” (*sic.*), deixando claro logo depois que está brincando. Respondo, então, trazendo a ideia de que me esquecer (esquecer os encontros) é, na fantasia, eliminar-me, e não pensar mais é evitar enfrentar essa violência e o que ela suscita nele. Ele responde: “O que você me diz é que, de uma certa forma, procurei protegê-lo de minha violência. É um tema que retorna com frequência para mim. Sonho, às vezes, que tenho um superpoder perigoso para mim e para os outros” (*sic.*). Ele consegue, assim, terminar a sessão com representações mais reconfortantes, e chegamos a um consenso acerca do último encontro antes das férias de verão.

Ele cancela essa consulta devido a uma viagem imprevista, dominando, assim, a separação. Ele me conta, também, a raiva que sente em relação à minha indisponibilidade futura. Ele me confirma essas impressões em seu retorno, quando se refere a um forte sentimento de abandono.

Depois de faltar a várias sessões, Julien me pergunta: “Você ficou zangado comigo pelas sessões perdidas ou estou presente através da minha ausência?” (*sic.*). Ele teme a ruptura do vínculo, o que seria uma punição. Eu faço uma associação: “eu desistiria de você como seu pai, que, você me contou, desistiu de você?”. Ele concorda com a ideia de que me testa para saber se vou resistir aos seus ataques, que passam por ausências vivenciadas como uma transgressão. Essas ausências lhe permitem, também, evitar os afetos que se acumulam entre as sessões. Contudo, a partir disso, ele se recorda, também, que aos quatorze anos “revogou a autoridade” (*sic.*) de seu pai, o qual ele censura hoje em dia por ser autoritário, por impor-lhe restrições em seu cotidiano (HOUSIER, 2010).

## Escarificação e cena primitiva

Ele não sente mais vontade de roubar. Todavia, como uma zona clivada, a venda de *cannabis* se desenvolve e intensifica, provocando culpa e necessidade de punição. A transgressão passa, igualmente, pelas mentiras contadas aos pais, até o momento em que sua mãe o ouve falar de haxixe; depois, durante a discussão, ela aceita fumar um baseado com o filho em seu quarto, o que ele achou “insano” (*sic.*). A venda prossegue, apesar da promessa feita aos pais de parar. Ele está no penúltimo ano do ensino médio, conseguiu se tornar o líder da turma e agora vende *cannabis* para todos os colegas. Na escalada, o assunto é comprar quilos de maconha, a pedido de um amigo, diz ele, como se não fosse nada. Entretanto, o que o preocupa mais durante a sessão na qual fala dessas questões é bancar o psicólogo com todo mundo, coletando as confidências de todos os seus amigos.

Ele fica muito surpreso com minha intervenção quando respondo que o que mais me questiono

é sobre a venda da maconha, colocando-me voluntariamente no plano da realidade. Menciono o risco que corre, e a história punitiva que pode se repetir, insistindo no fato de que não se trata de uma situação banal. “Se eu for preso, prefiro me cortar a falar” (*sic.*). Respondo-lhe que se cortar é transgredir um dos interditos parentais implícitos, o de não atacar o corpo que é fruto de sua relação íntima.

Ele fica contente por eu me envolver em sua realidade; sente que me preocupo realmente com ele, que tocamos em um ponto essencial. Quando me diz que geralmente não intervenho assim, respondo que é a primeira vez que ele me apresenta as coisas desse modo em relação ao tráfico e ao risco corrido, o que requer uma intervenção protetora da minha parte.

Interrogações no que concerne à relação terapêutica surgem: será que vou denunciá-lo se ele me disser que fuma haxixe com seu amigo? Será que eu sei mais sobre ele do que ele mesmo? Será que eu sei por que ele está deprimido e por que veste roupas largas?

No que se refere a esse último ponto, constato que sua calça larga esconde toda forma sexuada. Ele me explica que, para ele, as roupas apertadas são coisa de bicha e que ele não quer ser tratado como bicha, isso seria uma humilhação.

Como uma confissão, ele diz: “Se dizer isso para você me alivia – e eu sinto que me alivia – quer dizer que é verdade” (*sic.*).

## **A instituição como sítio edipiano**

Os atos apresentados por Julien, pela culpa e pela necessidade de punição que eles mobilizam, indicam que o par transgressão-punição se desfaz para restabelecer a figura paterna em sua dimensão superegoica (FREUD, 1909). Diferentemente de Julie, seus atos implicam uma dimensão narcísico-objetal que inclui uma dimensão de apelo ao terceiro ou a uma função terceira.

A vivência punitiva tem uma função de elaboração no *après-coup*, passando pela experiência masoquista. O adolescente cria as condições de uma encenação de seu sofrimento psíquico, com o intuito de encontrar a possibilidade de pensar sua conflitualidade. Nesse sentido, essa experiência masoquista tem a função de restaurar o sentimento de existência, inscrevendo-se, assim, no processo de personalização e de diferenciação. O ato se integra em um movimento de auto-historicização pela reatualização de traços infantis recompostos no evento atual.

Esse tipo de ato na adolescência decorre de uma tentativa de apropriação subjetiva com finalidade de remobilizar a identificação, ao passo que a recusa identificatória é maciça em Julie.

Agir coloca em jogo o ambiente como instância de desilusão, o que explica a importância de um enquadramento de cuidados pensado como suficientemente reparador; uma instituição se torna um sítio edipiano quando oferece uma série de envoltórios continentais, incluindo uma forma de bem-estar para os clínicos e para os pacientes. O ambiente pode, então, ser utilizado como objeto pelo paciente, tensionando o reaparecimento de fantasias onipotentes confrontadas à rocha do ambiente como instância terceira. Contudo, não é apenas o fato de encontrar uma barragem que conta, mas de sentir a possibilidade de buscar o objeto e utilizá-lo e, também, de esconder-se na esperança de ser encontrado, em uma lógica de passagem entre narcisismo e busca de alteridade. O ato de confrontação não substitui a fantasia, ele tenta restituir os limites de seu espaço.

## Dinâmica da transferência na psicoterapia

O clínico que está à escuta de adolescentes encontra-se em uma posição paradoxal: ele não interpreta as defesas e tampouco o inconsciente; não desempenha seu trabalho habitual, mas permanece o mais perto possível da ferida (MARTY, 2010, p. 215) para fortalecer suas defesas fragilizadas, encontrar no analista um apoio narcísico para lutar contra a explosão pulsional. Fortalecer as defesas do eu visando à interiorização do conflito psíquico (e não sua externalização, como a sintomatologia do adolescente demonstra com frequência) favorece a integração da dinâmica pulsional, a busca de sentido de experiências que, caso contrário, são potencialmente despersonalizantes.

O adolescente é um sujeito em busca de objeto; o psicoterapeuta representa um potencial de encontro com um novo objeto, um mediador vivo. A passagem do narcisismo antiobjetal à abertura ao outro permite compreender de uma outra forma o trajeto adolescente. Na psicoterapia, a transferência narcísica se desdobra como passagem obrigatória – e não como finalidade –, como uma via de facilitação que favorece a identificação com as qualidades psíquicas do analista, antes de poder *ver se ele está em outro lugar*, ou seja, matá-lo simbolicamente. Nessa perspectiva, alguns *actings* de fuga do vínculo transferencial não são incapacitantes quanto à saída elaborativa potencial dos conflitos envolvidos (CAHN, 1987). A liquidação da transferência não é, portanto, um fim em si, a não ser para decalcar o tratamento do adulto neurótico e desvalorizar a função essencial da psicoterapia do adolescente, que consiste em *promover a passagem*. Permitir a elaboração da loucura púbera (GUTTON, 1991) em neurose do adolescente inclui posições parapsicóticas tais como a paranoia comum do adolescente (MARTY, 2009) ou, ainda, as potencialidades psicóticas prefiguradas por Sigmund Freud (1919) nas variadas expressões psíquicas que a inquietante estranheza sugere.

Posicionar-se o mais próximo possível da ferida narcísica tem como representação-meta permitir que os efeitos de ligação, através do acompanhamento discreto, impeçam que essa ferida narcísica

se torne uma clivagem. A clivagem aumenta a ferida, transformando-a, progressivamente, em falha ou, pior, em abismo; por analogia, um recurso ao ato que não é ouvido de maneira repetida cria as condições do trauma cumulativo, podendo acarretar uma passagem ao ato.

A adolescência tende a atacar os ideais, tanto dos pais quanto dos clínicos. Os pais devem renunciar a uma parte de seus ideais, deixando seu filho crescer e criar seus próprios projetos, tomando o cuidado de minimizar os vínculos de domínio; os clínicos de orientação psicanalítica, por sua vez, devem renunciar, mesmo que parcialmente, ao poder – ou à crença – de uma interpretação que forneça uma verdade, acompanhando, com certa discrição, a travessia do processo (HOUSIER, 2021).

Ressaltemos os “ataques” infligidos pelo adolescente aos ideais de um psicanalista: a retirada anárquica do recalque, dificultando manter as rédeas na transferência; a abstinência habitual do analista torna-se ainda mais restritiva, pois vem acompanhada pela privação do “prazer” de interpretar, satisfação narcísica relevante (ser um bom analista, reconhecido em sua inteligência e sua perspicácia etc.). Acompanhar os passos de um paciente adolescente implica, portanto, ter para si, e talvez durante toda a psicoterapia, um conjunto de ideias que permanecem em mente como fio condutor, embora não sejam verbalizadas. Trata-se de uma dura experiência para todo analista que maneja regularmente a interpretação, até mesmo quando deve adiar e esperar “o momento certo”. Adiar não é equiparável a renunciar, em uma dupla abstinência físico-pulsional e interpretativa. Como ressalta C. Palagnia (2003), os psicanalistas atribuem mais valor às interpretações profundas, satisfazendo o desejo de dependência do analisando assim como o narcisismo do analista. Daí advém a conclusão proposta por A. Branconnier (2010, p. 37): “o analista de adolescentes deve saber pensar e sentir como analista sem, no entanto, satisfazer seu ideal de analista”.

O analista tende, então, a se apresentar, para ser representado, como um ser humano aberto, compreensivo no que concerne aos problemas da adolescência, e não misterioso, favorecendo, assim, a confiança (FRAIBERG, 1955). O que está em jogo não implica somente a cocriação de uma relação transferencial positiva, mas, também, um deslocamento de prioridade do trabalho sobre as representações verbais diretas para um estilo vivo que dê ênfase ao afeto como via de representação.

Trata-se, portanto, de uma forma de posição específica, intersubjetiva, associada às particularidades que a situação clínica impõe. A discussão com o paciente, a troca focada em suas dificuldades atuais sem procurar elucidar seus conflitos infantis é representativa do que está em jogo: um contato autêntico, sem interpretação, que permite ajustar a distância à medida que se estabelece a relação. Sua diretividade na interação é, contudo, uma diferença radical com a relação psicoterapêutica, ao passo que a precipitação da transferência a partir de uma situação psicodramatizada se aproxima dela. Essa última modalidade de abordagem propõe um modelo

que induz o objetivo – ativo – do terapeuta: favorecer o estabelecimento de uma relação de confiança e alcançar uma flexibilização das defesas. De acordo com François Richard, é esse “estilo dialógico” (2002, p. 123) que permite ao adolescente reconhecer a função parental de apoio do interlocutor. Com o adolescente e sua família, a flexibilidade do *setting* é necessária e introduz uma pedagogia da relação na qual se discutem as posições de cada um nos conflitos atuais, com total mobilidade identificatória para o clínico.

Através de sua narratividade, inclusive corporal, a vivência do adolescente consegue encontrar uma via de representação. Essas trocas sensoriais se fazem em benefício de uma cultura da relação, tendo a identificação com o psicanalista um papel de interiorização do paraexcitação contra os elementos traumáticos remobilizados pela adolescência. Como contraponto reparador da perda de cobertura materna paraexcitante, o sofrimento não está mais nu, mas representado/contido. Somam-se a essa dinâmica os momentos qualitativos de afetos compartilhados, vivência a dois que conforta o sentimento de ser do paciente (PARAT, 1995), espécie de muralha narcísica onde reina um frágil sentimento de existência.

## **Uma fantasia específica, a fantasia mágica de autorrealização**

O que dizer das fantasias que provocam uma atuação no tratamento? A partir de uma situação clínica, defendemos a existência de uma fantasia mágica de autorrealização que se situa plenamente na busca de independência dos adolescentes e dos jovens adultos; marcado pela megalomania e pela onipotência do pensamento, o projeto, profissional principalmente, próprio de um fim de adolescência potencial, é infiltrado por uma dimensão mágica sob a forma de uma fantasia de transformação interna direta, em vez de uma evolução que passa por um trabalho subjetivante, favorecendo o trabalho de elaboração por uma sucessão de *après-coups*. Nessa perspectiva, essa fantasia que tenta apagar os traços da dependência ao objeto se opõe ao trabalho de elaboração da metamorfose púbere da qual é um derivado sintomático: o que não pôde ser trabalhado internamente é projetado na cena externa através da atuação de um desejo de mudar e, fazendo-o, de se transformar.

Se a fantasia mágica de autorrealização pode se manifestar desde o início da adolescência, ela aparece com maior nitidez durante o final da adolescência.

## **Benjamin e a fantasia maníaca de um novo começo**

Atendo Benjamin, de 23 anos, duas vezes por semana em análise (HOUSIER, 2022a). A passagem do face-a-face ao divã ocorreu sem aparentes conflitos. A proposta de uma segunda

sessão e de uma análise foi pensada em conjunto, à medida que se estabelecia uma transferência positiva. Ele associa essa proposta ao meu interesse por ele, bem como ao seu conhecimento relativo do mundo da psicologia e da psicanálise. Paralelamente ao trabalho que iniciamos, ele me conta que se sente igualmente apoiado pela meditação “*mindfulness*” que pratica regularmente. Sua história é marcada por um pai ausente, violento, que trai sua mãe, e pouco inclinado a estabelecer um vínculo profundo com seu filho ou com sua filha mais nova. A mãe representa o elemento estável da família ao redor do qual se estabeleceu um profundo sentimento de dependência. Quando abro a porta do consultório para recebê-lo, Benjamin me parece um jovem frágil, remetendo-me às vezes, associativamente, à imagem de um cão abandonado, à procura, em vão, de uma via sentimental e sexual estável. Ele luta para tentar construir sua vida profissional, tendo apenas o exame de conclusão do ensino médio<sup>3</sup>. Inscreveu-se em uma incubadora de empresas, o que parece restaurar seu narcisismo, apesar do fato de que nada parece acontecer verdadeiramente em sua vida. Sofreu várias rejeições em tentativas de ocultar sua errância profissional, fazendo-se passar por mais competente e diplomado do que na verdade é. Esse percurso errático o remete regularmente a profundos sentimentos de solidão e abandono. Ele chama a minha atenção, particularmente, devido às ausências às sessões durante períodos dedicados a viagens festivas do gênero *Burning Man*. Esses momentos de viagem são associados a uma idealização da liberdade sentida, como um primeiro sinal transferencial de uma ligação de dependência de difícil elaboração. Nessas festas, o consumo de álcool e de drogas é banalizado, como ocorre em determinadas festas “regadas a muita bebida” (*sic.*) em Paris. Após uma delas, ele narrou uma saída à noite, sozinho, em um bar; ali, encontra uma prostituta após uma festa de bebedeira durante a qual descobre que se trata, na verdade, de um travesti, que lhe faz uma felação. Ele fala de sua perturbação e de seu sentimento de vergonha sem, no entanto, questionar a dimensão homossexual desse momento em particular. Associa esse episódio de sua vida a uma frase frequentemente dita por seu pai, de acordo com a qual a sexualidade advém de uma “higiene de vida” (*sic.*). Ao cabo de dois anos, surge um novo projeto, em meio à excitação maníaca: ele planeja ir para Lisboa “refazer” (*sic.*) sua vida, abrindo um bar. Ao mesmo tempo que as questões relativas ao álcool e à festa se destacam nessa fala, posso ouvir uma fantasia de autoengendramento com traços de megalomania: veremos o que veremos, tudo aquilo que ele é capaz de realizar, como uma revanche diante das repetidas rejeições que tanto o feriram. Seus conflitos psíquicos permanecem predominantes, como uma crise de adolescência interminável sustentada por um tormento interno permanente, acompanhado por um discurso positivista que contrasta com sua situação e seu sentimento de impotência. Seu desejo de um destino heróico está associado às expectativas ideais de sucesso de sua mãe. Partir para se reconstruir, sobretudo profissionalmente, envolve menos um trabalho de elaboração da perda do que a realização de uma fantasia de novo começo, em um modo operatório com tons de pensamento mágico: basta querer e fazer para que tudo se realize como ele deseja. Pouco antes de sua partida, ele associa essa perspectiva a seu pai, de origem portuguesa. Afora essa característica elaborativa,

---

3 No Brasil, corresponde ao Enem. (N. da T)

toda e qualquer fala de minha parte que busque questionar o que está acontecendo com ele será inútil, deixando-me uma dupla impressão de trabalho inacabado e de transferência impossível de analisar. A dimensão ambivalente da transferência em relação ao pai predomina em seu discurso, entre idealização, necessidade de reconhecimento narcísico e ódio daquele que o maltratou. A atuação de sua fantasia não deixa de lembrar aquela dos atos guiados por uma transferência não elaborada no tratamento.

A fantasia mágica de autorrealização passa por *actings* de fuga, até mesmo adiadas no tempo, de adolescentes ou de jovens adultos que não podem reconhecer sua dependência em relação ao objeto e os conflitos que atravessam, contendo um fundo de fantasia megalomaniaca de independência absoluta. A recorrência dos *actings* de ruptura terapêutica na adolescência pode ser, assim, questionada de acordo com uma dupla valência: o *acting* tem um alcance maturativo desde o momento em que se insere em um contexto elaborativo *après-coup*, conferindo uma parte essencial aos traços deixados pelo trabalho psicoterapêutico. Esse *acting* pode, também, ter um significado de resistência à perda dos objetos de amor por uma conduta de fuga do vínculo, não permitindo a elaboração do sentimento de perda. Nesse contexto, a atuação, mesmo que anunciada de antemão ao clínico, não é uma ruptura brutal, mas não deixa de ser sustentada por uma fantasia mágica de autorrealização. Diferenciamos, assim, a fuga do vínculo de dependência que se reproduz na transferência da ruptura brutal da relação com o psicanalista.

Enquanto se trataria de pensar o trabalho psíquico de separação, essa fantasia consiste em viver as situações ou projetos de partida (para uma cidade do interior, o exterior, em missão humanitária etc.) como uma autocriação, não sem consonância com a definição do processo adolescente. Essa partida anunciada está associada a uma fantasia inconsciente de autoengendramento que mantém a idealização do objeto, deslocando-a para um outro lugar idealizado; é associada a uma plena autorrealização. O clínico, distanciado por essa fantasia agida, pode ser vivenciado pelo paciente como um obstáculo à sua independência, sustentado pela idealização da transformação do Eu futuro. Na tentativa de reparar uma parte de si danificada no vínculo com o objeto primário, essa atuação se assemelha a uma “realiz/ação” que compensa o sentimento de impotência vivenciado por Benjamin em sua história.

### **Partir: um ritual mágico?**

A fantasia de autorrealização implica uma dimensão mágica. Desde Sigmund Freud (1913), o pensamento mágico designa um modo de funcionamento psíquico característico da neurose obsessiva em que atuam crenças supersticiosas e rituais conjuratórios que se impõem ao obsessivo e transformam sua vida em verdadeiro cerimonial.

O pensamento mágico remete à concepção animista do mundo; visa impor aos objetos da

realidade externa modalidades de funcionamento próprias da vida psíquica e, mais globalmente, submeter os fenômenos da natureza à vontade do homem. O pensamento mágico associado à onipotência dos desejos e dos pensamentos é orientado pelo narcisismo, que atribui de maneira desproporcional uma força singular às ações psíquicas.

O comportamento mágico consiste na certeza de ser capaz de transformar o mundo externo ou nele influenciar unicamente com as ideias, sem articulação entre o pensamento e a realidade externa. Solicitada pelo narcisismo primário, a realização dessa fantasia advém de uma intenção inconsciente que remete à ideia de suprir a falta do objeto de satisfação pela alucinação e pela rejeição de tudo aquilo que não está em conformidade com o ideal do Eu. A autoestima é, assim, a expressão da grandeza do Eu. Essa fantasia está associada à ilusão do bebê que desenvolve a fantasia onipotente de criar a realidade do objeto e do mundo. A criança consegue substituir o controle da realidade pela presunção narcísica, relembrando o tempo do início da vida durante o qual fantasia e realidade são confundidas. A satisfação na fantasia, de ordem narcísica, serve para compensar o fracasso na relação com a realidade. O pensamento mágico não foi abandonado e se desenvolveu independentemente, sem estar subordinado ao princípio de realidade.

Sob um ângulo complementar, a fantasia de autorrealização mágica se apresenta como uma forma de cegueira fóbica, tanto em sua valência externa quanto na interna, o que questiona a ideia de J. Steiner (1996) referente a uma “visão psíquica” parcial. O sofrimento e a culpa, inseparáveis das confrontações com a realidade, são difíceis de tolerar e podem provocar um refúgio na onipotência que poderia corresponder, em um processo não psicótico, àquilo que J. Steiner denomina “fechar um olho”. Essa expressão remete ao medo de enfrentar sua verdade interior, dando origem à dissimulação, de modo que a realidade, então, é falsamente representada e deformada por sua deturpação. A impotência infantil é camuflada pela experiência de refúgio na onipotência, as figuras do entorno sendo por demais debilitadas para fornecer ajuda, como evidenciam as experiências de abandono de Benjamin. Sair do refúgio passa pelo processo de enfrentamento de sua realidade psíquica; deixar ir embora o objeto significa, simbolicamente, matá-lo ou deixá-lo morrer, desafio central do processo de adolescência.

## Conclusão

A problemática de Benjamin mescla a evitação elaborativa da dependência objetal, o *acting* de fuga anunciada, o pensamento mágico e o masoquismo moral em uma confusão entre a fantasia e a sua realização; as fantasias edípicas, bem como as pré-edípicas, são, assim, mantidas em seu investimento. No plano tópico, o impasse no que concerne à constituição do Ideal do Eu provém de um amor de objeto cuja intensidade é um obstáculo ao desprendimento da libido de objeto narcísico ligada ao pai pré-edípico. Durante a adolescência tardia, o sujeito permanece identificado com uma imagem materna, fixado em uma posição passiva feminina através de

uma identificação homossexual. As representações ideais se tornam rígidas quando a relação pré-edipiana é superinvestida no plano homossexual, bloqueando o acesso ao complexo de Édipo positivo e à rivalidade fálica. O vínculo erotizado com o pai se torna, então, quase substitutivo àquele com a mãe. A sexualização continua infiltrando-se na instância ideal, corroborando o ponto de vista de Catherine Chabert (2000): o fim da adolescência representa uma forma insustentável de pôr à prova a capacidade de se desfazer das figuras parentais, especialmente em suas incidências idealizadoras.

Dadas as circunstâncias, em um contexto teórico atual, marcado por uma grande profusão de termos para se referir aos atos, é mais do que nunca indispensável estabelecer uma metapsicologia unificada das problemáticas da atuação. Trata-se de diferenciar os atos associados à transferência no contexto de um tratamento, ou seja, o *acting out* e a atuação, dos atos cometidos fora do tratamento, tais como a passagem ao ato ou o recurso ao ato (HOUSIER, 2015), a fim de que possamos pensar melhor a respeito das dinâmicas e das vicissitudes do processo adolescente.

## Referências

- BIRRAUX, A. *L'adolescent face à son corps*. Paris: Editions Universitaires, 1990.
- BLOS, P. (1962) *Les adolescents*. Essai de psychanalyse. Paris: Stock, 1967.
- BRACONNIER, A. “Quand l'adolescent questionne la psychanalyse”, in Andre J.; Chabert, C. (Orgs), *La psychanalyse de l'adolescence existe-t-elle?* Paris: PUF, 2010, p. 23-41.
- CAHN, R. (1987) “Thérapie des actes, actes de thérapie”, *Adolescence*, 5, 2, p.237-252.
- CHABERT, C. “Commencer sa vie d'adulte”. *Adolescence*, 2000; 18, 2, p.375-378.
- FRAIBERG, S. “Some considerations in the introduction to the therapy in puberty”, in *The Psychoanalytic Study of the Child*, 10, 1955, p. 264-286.
- FREUD, A. (1958) “L'adolescence”, in M. Perret-Catipovic M., Ladame F. (Org.,) *Adolescence et psychanalyse: une histoire*. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1997, p. 69-100.
- FREUD, S. (1909) “Analyse d'une phobie chez un petit garçon de cinq ans”, in *Cinq leçons sur la psychanalyse*. Paris: PUF, 1954, pp. 93-198.
- \_\_\_\_\_. (1913) “La disposition à la névrose obsessionnelle”, in: *Névrose, psychose et perversion*. Paris: PUF ; 1973, p. 189-187.

\_\_\_\_\_. (1919) “L’inquiétante étrangeté”, in : *L’inquiétante étrangeté et autres essais*, Paris, Gallimard, 1985, pp. 213-263.

GREEN, A. (1990) “Point de vue du psychanalyste sur les psychoses à l’adolescence” », in : *Psychoses et adolescence*, Ladame, F., Gutton, P., Kalogerakis, M. et al., Paris, Masson, pp. 231-244.

GUTTON, P. *Le pubertaire*. Paris: PUF, 1991.

HOUSSIER, F., “Émergence du concept de limite psychique à partir des premiers travaux psychanalytiques”, in Scelles R. (Org.), *Limites, liens et transformations*, Dunod, 2003, pp. 17-36.

\_\_\_\_\_. “Positions psychotiques dans la cure d’une adolescente anorexique”, in F. Marty (Org.), *Psychopathologie de l’adolescent: 10 cas cliniques*, Paris, In Press, 2011, pp. 213-233.

\_\_\_\_\_. *Meurtres dans la famille*, Paris, Dunod, 2013, 192 p. Tradução em português no Brasil: *Assassinatos em Família*. São Paulo: Via Lettera e Livraria, 2017.

\_\_\_\_\_. “Recours ou passage à l’acte dans la psychothérapie de l’adolescent”, *Cliniques*, 9, 2015, pp. 25-38.

\_\_\_\_\_. “L’étrange et l’étranger interne : le travail de personnalisation et différenciation à l’adolescence”, in Christaki A., Houssier F. (Orgs.), *L’inquiétante étrangeté. De la clinique à la créativité*, Paris: In Press, 2020, pp. 21-43.

\_\_\_\_\_. (Org.). *La cure psychanalytique de l’adolescent et ses dispositifs thérapeutiques*. Paris: In Press, 2021.

\_\_\_\_\_. “Destin de l’Idéal du Moi à l’adolescence: mise en acte et fantasme magique de réalisation de soi”, in *Imaginaire et inconscient*, 49, 2022 a, pp. 77-85.

\_\_\_\_\_. “Le souvenir-écran, ou la place de l’adolescence dans les débuts de la psychanalyse”, in *Revue Française de Psychanalyse*, 86(4), 2022 b, pp. 881-892

MARTY, F. (2010), “Quand le fantasme prend corps”, in *La psychanalyse de l’adolescent existe-t-elle?* Andre J., Chabert C. et al. Paris: P.U.F., pp. 205-222.

\_\_\_\_\_. “La violence comme expression du mal-être à l’adolescence”, *Adolescence*, 27, 4, 2009, pp. 1007-1017.

PALAGNIA, C. “Problems with the Concept ‘Interpretation’”, in *International Journal of Psychoanalysis*, 84, 2003, pp. 1105-1124.

PARAT, C. *L'affect partagé*, Paris: PUF, 1995.

RICHARD, F. *Le travail du psychanalyste en psychothérapie*, Paris: Dunod, 2002.

STEINER, J. *Retraits psychiques*. Paris: PUF, 1996.

WINNICOTT, D. W. *Jeu et réalité*. Paris: Gallimard, 1971.

\_\_\_\_\_. “Elaboration de la capacité de sollicitude” (1962), *Déprivation et délinquance*. Paris: Payot, 1994, pp. 120-128.